

Do clítico *se* em português

Maria Claudete Lima
Universidade Federal do Ceará

ABSTRACT: *This paper deals with the pronominal form se as to form, function and sense. Based on these parameters, I show similarities and differences of the morpheme as reflexive pronoun, verbal affix and marker of middle voice, passive voice and impersonality. The features used in my analysis are: deixis and/or anaphora, kind of form (free or bound), person, case and verbal complement.*

PALAVRAS-CHAVE: *pronome; clítico se; voz.*

Introdução

Ao *se* se têm atribuído, em português, diversas funções: indeterminar, apassivar, indicar reflexividade e reciprocidade. Os critérios para atribuir essa ou aquela função ora *se* amparam na predicação verbal, no caso da indeterminação e da passivização, ora *se* pautam no sentido, no caso da reflexiva e da recíproca.

Além dessas acima, outras funções foram apontadas, entre as quais a de “indicar espontaneidade” ou “interesse na ação”. Nesses casos, a construção com *se* estaria próxima da construção média grega, segundo alguns autores, como João Ribeiro (1908). Constituiria a chamada *voz média passiva* com verbos na terceira pessoa, quando não houvesse sujeitos que pudessem ser representados por pessoas capazes de ação: *fizeram-se casas, preparou-se a terra*. Em alguns casos, a construção ficaria ambígua, vez que poderia indicar espontaneidade da ação ou passividade como em (1) (cf. Ribeiro, 1908:219).

(1) *Na peleja, muitos soldados já se estendem mortos por terra.*

O autor já reconhecia a dificuldade de analisar o *se*, como se pode observar na passagem abaixo.

Não é pequena a dificuldade de analyse da passiva com se. É demasiada subtilidade dizer que na phrase ‘Louva-se a Deus’ a palavra Deus não é complemento objectivo, e afirmar que a Deus é sujeito (com preposição!).

Além disso, ‘Louva-se a Deus’ não significa que ‘Deus é louvado’, e apenas que ‘Deus é para ser louvado, é digno de louvor,’ da mesma forma ‘Vende-se casas’, não significa ‘casas são vendidas’, mas ‘casas são para vender ou vendáveis’

Do mesmo modo analysem-se fórmulas como ‘Aqui bebe-se vinho puro.’, ‘Em Roma vive-se com pouco,’ ‘A que horas se come?’ (Ribeiro, 1908:220)

Apesar da reconhecida dificuldade, o autor prefere considerar, nos exemplos da última citação, o *se* um sujeito equivalente a *on* dos franceses ou *homem* da linguagem clássica. Para reforçar seu ponto de vista, o autor transcreve um trecho de um estudo de Alves de Amorim (*apud* Ribeiro, 1908) que considera a construção portuguesa com *se*, não um galicismo, mas um italianismo, semelhante à construção italiana *si va*. A construção portuguesa que mais se aproxima da francesa com *on*, como *on va* seria a *gente vai*. Em todo o caso, o *se* é analisado como sujeito:

Ora, confrontados o original e as duas traduções, nenhuma d’ellas apresenta na parte referente ao caso em questão, diferença alguma. E o sujeito das tres é —

SI — SE—ON (Alves de Amorim, apud Ribeiro, 1908:364).

Todavia, o *se* não se limita à expressão da “média-passiva”. O autor enumera outros empregos do *se*, todos passíveis de serem reduzidos a um só: exprimir espontaneidade da ação. Seria essa “espontaneidade da ação” que explicaria o emprego do *se* em frases como “Elle se partiu, elle se foi embora, alegremente se partia”. Da mesma forma, explicaria o uso do *se* junto ao verbo, indicando que “toda a existência expressa pelo verbo *vae* e volta ao sujeito ou nelle *se* cifra e limita” (1908:221), como no exemplo citado pelo autor (1908:221): “Quando *se* é mulher”. O autor explica ainda como resultado da expressão da espontaneidade casos como “a água *evapora-se*”:

O uso do se exprimindo a collaboração e espontaneidade do agente, serve para designar phenomenos naturaes; a agua evapora-se, — o que difere de — a agua é evaporada (podendo sel-o, nesse caso, artificial e propositadamente por outro agente). (1908:221).

A complexidade do *se* não se limita às funções indicadas por Ribeiro (1908). Há que reconhecer outras, evidenciadas nas nossas gramáticas modernas, embora não haja posições uníssonas quanto à determinada função que o *se* possa assumir em determinado contexto. Frases como *vive-se bem aqui* são analisadas ora como orações sem sujeito, ora como orações de sujeito indeterminado, ora como orações passivas.

Em um mesmo autor, pode haver confusão de análise. Almeida (1980), por exemplo, dá duas análises para frases semelhantes como *louvam-se os juizes* e *louva-se aos juizes*. No primeiro caso, o *se* estaria na sua função de apassivador; no segundo, o *se* indicaria a impessoalidade da ação, tal como ocorre quando está junto de verbos intransitivos e transitivos indiretos, como em *passeia-se muito* e *precisa-se de costureiras*.

Persistindo na confusão interpretativa, Almeida afirma que “o *se* pode indicar impessoalidade de ação com os próprios verbos transitivos diretos.” (1980:218). Exemplifica com o exemplo já aludido — *louva-se aos juizes* — e a seguir afirma que *juizes* é objeto indireto, o que justificaria a ausência de concordância do verbo. Contudo, no parágrafo sobre a predicação verbal, analisa complementos semelhantes como casos de *objeto direto preposicionado* (cf. Almeida, 1980:428).

Já Luft (1974) embora apresente a voz passiva com *se* em exemplos como *alugam-se casas*, certamente pressionado pela NGB, adverte, em nota de rodapé:

o mais acertado é considerar ativa essa conjugação — o que corresponde: (1) ao sentimento dos falantes (conserta-se calçados, vende-se terrenos — é como se usa na fala espontânea) e (2) à colocação dos termos (posição pós-verbal é a do paciente) e (3) evita o divórcio dessas construções com as dos verbos não transitivos

diretos (precisa-se de, trabalha-se, corre-se, pula-se), que seria absurdo considerar passivas. Aqui, como ali, temos a idéia de “sujeito indefinido”, formalizada no se, que pode, pois, tranqüilamente, ser analisado como sujeito (Aqui — se— trabalha = Aqui — a gente — trabalha). A flexão plural do verbo (vendem-se terrenos), no padrão culto escrito, pode-se explicar como mera “servidão gramatical” — nem sempre observada — ou por atração. (1974:133).

A mesma divergência de análise do *se* ocorre em verbos como *queixar-se, arrepende-se, atrever-se*, que aparece como pronomes “fossilizados” (Lima, 1992), como pronomes de realce (Bechara, s/d), como objeto direto fossilizado (Luft, 1974) ou como parte integrante do verbo (Cegalla, 1980).

Toda a problemática supracitada sugere inúmeras tematizações: a voz, as modalidades de voz, a voz média entre outras, mas seria impossível tratar todos esses temas aqui. Por isto, dedicamos este artigo ao morfema que permeia todos os casos aludidos, o *se*.

Ainda por questões de espaço, ficaremos com dois macroaspectos: o semântico e o formal. Ao fim, oferecemos nosso ponto de vista a título de síntese e conclusão.

1. Da caracterização semântica do *se*

Como Kemmer (1993) já observou a respeito do francês, também em português, o *se* passou de uma função exclusivamente pronominal em latim para uma função verbal:

De um marcador com uma função relativamente concreta, nominal/referencial (um pronome reflexivo), ele adquiriu uma função semântica que era verbal, isto é, centrada mais no evento que no objeto, ou seja, mais média que reflexiva.¹ (1993: 161)

O clítico *se*, inicialmente restrito à reflexiva, foi, aos poucos, invadindo as outras áreas até o ponto de termos em português moderno a situação de uma forma assumir diversas funções. Segundo Kemmer (1993:161), trata-se de um caso de gramaticalização, embora não tenha havido perda de função semântica, mas aquisição de novas funções.

O caminho percorrido pelo *se* latino evidencia a relação entre as formas reflexivas, passivas, médias e impessoais e sugere que elas guardam alguma semelhança semântica que poderia explicar o fato de uma forma, antes exclusivamente reflexiva, ter sido depois usada para outros fins.

Kemmer (1993:237) apresenta duas propriedades semânticas de um sistema médio que certamente são compartilhadas em maior ou menor grau por essas construções. A primeira diz respeito ao fato de o *iniciador* ser apresentado como entidade afetada, ou seja, como *endpoint* “ponto final”². Essa propriedade depende do grau de distinguibilidade dos participantes e, portanto, implica na segunda propriedade, mais geral. A construção média é tida como a que tem um baixo grau de distinguibilidade dos participantes. Na reflexiva, embora haja a correferência, o iniciador age sobre si mesmo exatamente como agiria sobre outra entidade.

A segunda propriedade é o “baixo nível de elaboração de eventos”. “Nível de elaboração de eventos” significa o grau em que participantes e subeventos componentes são distinguidos. Assim, uma oração ativa transitiva, por exemplo, tem um nível maior de elaboração de eventos que uma oração intransitiva e uma oração simples, menor que uma série de eventos coordenados. A figura (1) ilustra a aplicação dessa propriedade a essas construções.

Figura 1: grau de elaboração de eventos das construções relacionadas

Média	Reflexiva	Passiva	Impessoal	Transitiva ativa
Grau de elaboração de eventos				+

O *se* como marcador simultâneo das construções média, reflexiva, passiva e impessoal, em português, assume então a função semântica de indicar um decréscimo no grau de elaboração de eventos. Essa função se relaciona, de certo modo, à função atribuída por Whitaker-Franchi (1989) de reduzir argumentos do verbo.

Discutida a caracterização semântica do *se*, resta-nos discutir sua caracterização formal.

2. Da caracterização formal do *se*

O *se* tem recebido várias denominações que revelam a oscilação dos estudiosos quanto ao seu *status* formal. Uns dizem tratar-se de *pronome*, outros chamam de *partícula* e outros preferem considerá-lo um simples morfema.

A esse respeito, Monteiro (1994) argumenta que classificar o *se* como pronome significaria reconhecer-lhe um valor dêitico e anafórico que não há nas frases médias e passivas.

Por outro lado, considerá-lo *partícula* ou *índice*, como fazem muitos gramáticos, não resolve a questão, pois, embora se admita, nesse caso, seu caráter não-pronominal, continua-se sem classificá-lo, uma vez que *partícula* e *índice* são termos vagos demais e denunciam a dificuldade de classificação. Além disso, o termo *partícula* parece indicar mais acentuadamente as propriedades fonológicas de uma forma, caracterizada pelo volume fonético reduzido e por seu acento dependente.

Classificar um elemento qualquer, linguístico ou não, requer a definição de critérios que se levarão em conta. Kemmer (1993:218), por exemplo, diferentemente de Monteiro (1994), argumenta que o *se* latino mantém propriedades pronominais nas línguas românicas por, morfologicamente, fazer parte do paradigma pronominal e, sintaticamente, ser regido pelas regras de colocação que governam os pronomes em geral.

O critério que rege a classificação morfossintática do *se* usado por Kemmer difere completamente do critério de Monteiro, que é baseado em propriedades semânticas, a dêixis e a anáfora.

De fato, o *se* em português faz parte do sistema pronominal e comporta-se, quanto à colocação, da mesma forma que os outros pronomes clíticos. Poder-se-ia argumentar ainda que mantém a categoria de pessoa, como traço pronominal, mas a questão da pessoalidade aplicada à 3ª pessoa é discutível e não queremos entrar nessa discussão, sob pena de digressão. Além do que, como Monteiro (1994:37) observou, quando reflexivo, o *se* é aplicado a várias pessoas e não só à 3ª.

É verdade que o papel do *se* nas construções passivas, médias e impessoais, como assinalou Kemmer, não é referencial, mas verbal, uma vez que se relaciona a um maior ou menor grau de elaboração de eventos, mas essa mudança faz parte do processo de gramaticalização sofrido pelo *se*. Desse modo, podemos afirmar que o *se* comporta-se morficamente como um pronome e funcionalmente como uma espécie de afixo verbal relacionado à voz.

Se determinarmos como critério para inclusão numa classe morfossintática a estrutura, a forma, então o *se* é um pronome, mesmo que, em algumas circunstâncias, não compartilhe das propriedades semânticas definidoras do pronome.

Se levarmos em conta a função, o *se*, que aparece nas construções passivas, médias e impessoais, é um afixo verbal.

¹ From a marker with a relatively concrete, referencial/nominal function (a reflexive pronoun), it acquired a semantic function which was verbal, i.e. event-centered rather than object-centered, i.e., middle rather than reflexive.”(Kemmer, 1993:161)

² *Iniciador* é definido como um *macropapel* semântico que significa o ponto de partida de um evento, englobando papéis como *agente, experienciador, origem mental*.

³ O autor cita exemplos inclusive da norma culta: “Vou sair, vou para um barzinho, vamos lá se reunir.”(Monteiro, 1994:37).

Nesse caso, seria necessário, então, considerarmos duas entradas para *se*. Um *se* que seria pronome por suas propriedades estruturais, semânticas e funcionais, e que apareceria em construções reflexivas. E um outro *se*, afixo verbal, que apareceria nas construções passivas, médias e impessoais. Tratar-se-ia, portanto, de um caso de homonímia.

Parece-nos mais sensato acatar a primeira solução. Considerar a existência de dois *se* implicaria em reconhecer a mesma multiplicidade de formas no caso de *me* e *te*, pois, a não ser que a julgemos de outro modo, construções médias com alguns verbos de sentimento, como *zangar-se*, *apaixonar-se* podem ser construídas com a primeira pessoa: *zanguei-me*, *apaixonei-me*.

Kemmer (1993:219) contra-argumenta sobre o fato, considerado anormal, de o *se* assumir traços de categorias distintas (pronominal e verbal) de forma bastante lúcida:

Um comportamento multicategorial só é surpreendente se nós começamos da comum, mas em meu ponto de vista errônea, assunção de que categorias gramaticais têm limites firmes e que, sincronicamente, cada elemento gramatical numa dada língua é associada com uma série de propriedades e comportamentos únicos que clara e inequivocamente o distingue de outros tipos de elementos.¹ (1993:219)

Conclusão

Nossas conclusões são pertinentes ao que nos interessa de perto neste artigo, a saber, o *se* que entra nas construções passivas, médias e impessoais. Morfossintaticamente, caracteriza-se como pronome por pertencer ao sistema pronominal, ao lado de *me*, *te*, e por poder vir antes ou depois do verbo, do mesmo modo que os outros clíticos pronominais. Semântico-discursivamente, implica uma interpretação do evento como mais ou menos elaborado, do que decorre sua condição de afixo verbal, ou, como diz Whitaker-Franchi (1989), sua função de reduzir um argumento do verbo.

Consideramos, então, que o *se* que entra nessas construções, por estar em processo de gramaticalização, é uma categoria dupla que guarda traços pronominais, mas pode se comportar funcionalmente como um afixo verbal. Os traços que caracterizam o *se* passivo, médio e impessoal e o diferenciam do *se* reflexivo estão resumidos no quadro 1. Para efeito de comparação, incluímos no quadro os traços pertinentes ao pronome e traços relativos ao afixo verbal.

Quadro 1: traços do *se*

	Dêxis e/ou anáfora	Forma dependente	Forma presa	Noção de pessoa	Noção de caso	Complemento verbal	Diátese verbal
Pronome	+	+	-	+	+	+	-
Afixo verbal	-	-	+	-	-	-	+
Se reflexivo	+	+	-	+	+	+	+
Se impessoal	-	+	-	+	+	-	+
Se passivo	-	+	-	+	+	-	+
Se médio	-	+	-	+	+	-	+

Observa-se do quadro que o *se* reflexivo compartilha praticamente todos os traços do pronome e apenas um do afixo verbal. Já o *se* das construções impessoais, passivas e médias compartilha quatro dos traços do pronome — são formas dependentes e não formas presas e têm noção de pessoa e de caso — e duas do afixo verbal. Em outras palavras, tal forma

guarda ainda traços de pronome, embora esteja mais próximo do afixo verbal que o *se* reflexivo. Daí nossa proposta de enquadrá-la nesta classe, reconhecendo, todavia, seu caráter duplo, próprio de uma forma que passa por um processo de gramaticalização. A dificuldade de classificá-la resulta de não se poder aplicar esquemas binários, mas critérios que se fundamentem em mais de um traço, o que acarreta uma classificação fronteira. Assim, o *se* médio, passivo e impessoal seria colocado entre a classe pronominal e a classe dos afixos verbais.

Em suma, parece indiscutível que o *se* latino assumiu uma função mais gramaticalizada no português ao expandir-se para as construções médias, passivas e impessoais, perdendo a função referencial pronominal. Mas, por outro lado, não podemos dizer que atingiu um alto grau de gramaticalização, uma vez que ainda guarda traços pronominais, como as noções de pessoa e caso que o inserem no sistema pronominal e o fato de ainda ser uma forma dependente. Ademais, a função de indicar grau maior ou menor de elaboração de eventos (relação com diátese verbal) já era realizada pelo *se* reflexivo. Seria o caso de supor que, a continuar o processo de gramaticalização, o *se* (quando passivo, médio e impessoal) passe a funcionar como forma presa e não mais forma dependente.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. (1980) *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo:Saraiva.
- BECHARA, Evanildo. (s/d) *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional.
- CEGALLA, Paschoal. (1980) *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo:Ed. Nacional.
- KEMMER, Suzannne. (1993) *The middle voice*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. (1992) *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro:José Olympio.
- LUFT, Celso Pedro.(1974) *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro:Globo.
- MONTEIRO, José Lemos (1994) *Pronomes pessoais*. Fortaleza:Edições Universidade Federal do Ceará.
- RIBEIRO, João (1908) *Grammatica da lingua portugueza*. São Paulo:Francisco Alves.
- WHITAKER-FRANCHI, Regina C.M. (1989) *As construções ergativas*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/ Universidade Estadual de Campinas. Mimeog.

¹ Multicategorial behavior is only surprising if we start from the common, but in my view erroneous, assumption, that grammatical categories have sharp boundaries, and that, synchronically, each grammatical element in a given language is associated with a set of unique properties and behaviors that clearly and unequivocally distinguish it from other types of elements.